

SÉRGIO PIRES

# A VIDA DE JÚNIOR

Título: A VIDA DE JÚNIOR  
©2021 Sérgio Pires e Editorial Novembro

Autor: Sérgio Pires

Coordenação Editorial: Editorial Novembro, Edições  
Cão Menor, Unip Lda

Conceção e Produção Gráfica: Editorial Novembro,  
Edições Cão Menor, Unip Lda

Capa: Arranjo gráfico por Elsa Ribeiro, utilizando  
imagens de unsplash.com

1ª edição: Julho de 2021

Impressão e Acabamento: PENAGRÁFICA - ARTES  
GRÁFICAS, LDA.

Depósito legal n.º: 483220/21

ISBN: 978-989-53077-7-7

Reservados todos os direitos

Editorial Novembro  
Uma Editora do Grupo de Comunicação Novembro  
Rua S. João de Deus, n.º 116, 2.º andar, Sala 3,  
4760-162 Vila Nova de Famalicão  
[www.novembro.pt](http://www.novembro.pt)  
telf. 252 861 330



### **Dedicatórias:**

Aos meus Pais e restante família por todo o Amor e ensinamentos,  
à Karyna pela paciência e crença  
e à aldeia de Saldanha e suas gentes autênticas e empolgantes.

# Índice

Capítulo I – O Início	9
Capítulo II – O Dia	15
Capítulo III – A Primeira Vez	21
Capítulo IV – A Notícia	27
Capítulo V – A Viagem	35
Capítulo VI – A Revelação	49
Capítulo VII – A Visita	57
Capítulo VIII – A Mudança	73
Capítulo IX – A Bênção	93
Capítulo X – A Visão	109
Capítulo XI – A Averiguação	113
Capítulo XII – A Fuga	123
Capítulo XIII – O Regresso	129
Capítulo XIV – A União	143
Capítulo XV – As Raízes	151
Capítulo XVI – O Reencontro	163
Capítulo XVII – A Aceitação	175
Capítulo XVIII – O Nascimento	189
Capítulo XIX – A Paz	199
Capítulo XX – O Caminho	209
Capítulo XXI – A Homenagem	217
Capítulo XXII – O Amor	223

CAPÍTULO I  
**O Início**



Júnior é um rapaz originário do campo que vive na cidade. Alto, magro, caucasiano, sorridente e com barba por fazer. Estilo peculiar. Diferente.

Toda a sua família vive numa aldeia rústica. Seus Pais não são exceção e por lá nasceram e sempre habitaram, naquele cantinho do Norte de Portugal, despovoado pelos tempos e voltas que a vida vai dando. Outrora cheia de personagens e histórias para contar, cada paralelo granítico e estrada irregular de asfalto e poeira é, agora, um caminho cimentado de e por memórias e cultos.

Neste religioso beco, onde aos campos não se lhes vislumbra fim, é neste paraíso designação unânime e suspeita atribuída por quem lá vive ou viveu, mas partilhada por quem visitou, pisou, cheirou e se rendeu às maravilhas daquele local que o sol se põe e levanta, com suas gentes e animais.

O cheiro a lavoura e terra emana das suas colinas e planícies, e a sabedoria fica dentro dos recantos que cada um leva consigo em vida e morte.

Aos que se mantêm, o erguer faz-se matutino e o descanso imperativamente cedo, neste ritmo diário onde, pelo meio, muito se consegue produzir e ensinar, na companhia dos barulhos e sons motorizados ou da natureza, comprimento de onda habitualmen-

te ouvido e emitido pelos aldeões.

Júnior pensa que sabe coisas que os outros não sabem e que tem acesso a informações e experiências que os outros não têm, nem irão, alguma vez, ter. Julga que a vida tem de ser um acontecimento de aventuras, sentimentos, cores e emoções contínuas, até ao alcançar de todas as sensações mundanas permitidas pela sociedade para, então, se aborrecer de as ter vivido e querer experienciar apenas o que não foi ainda inventado.

Vivendo atualmente no epicentro da confusão, entre lugares movimentados e plateias cheias, gosta de olhar para as pessoas e observá-las nas suas vidas, absorvidas e sobrecarregadas, sempre com alguma tarefa que urge ser realizada, enquanto que os sonhos – por concretizar – continuam guardados numa gaveta aniquiladora de paixões que têm de ser esquecidas e raramente lembradas, porque...a vida não para.

Como se recusa a acreditar. Como quer algo transcendente!

“Viverão todas as pessoas desta forma?” – pensa. Interroga-se também se, de facto, “as pessoas com mais idade são as que detêm mais sabedoria?”

Estes e outros pensamentos, dúvidas, afirmações, negações e dogmas vêm-no assombrando naquela noite, enquanto olha a lua pela janela, em mais uma noite fria, citadina e frenética.

“Amanhã vou estar melhor...que bom que é, existir sempre o dia seguinte.” – crê, como otimista, que a vida é como a lua e tem fases e curta demais para não a curtirmos; de que a vida é “estar”, e não “ser”. E dorme. Mas antes, como sempre faz, agradece pelo que tem e não tem, por ser saudável e por vir de uma família bondosa e de origens humildes.

“Dorme, porque amanhã é um novo dia, uma história com inúmeras possibilidades, obstáculos e desafios, uma renovação, um cessar, um voltar, um ir, um vir, um crer, um desacreditar.

Porque (o) amanhã não se sabe o que vai ser e/ou trará – apenas que existirá”.

Júnior vem formatando a sua mente para se esconder dos devaneios e desgostos da vida e recusa-se a acreditar na decadência humana. Quando era mais novo, a ingenuidade, inocência e falta de estampa física, concederam-lhe alguns dissabores e deficitárias defesas nos campos emocional, mental e físico e, pelo facto de ter passado por essa má experiência, simpatizava com pessoas tímidas e impotentes, porque as compreendia.

Sabia, porém, que esta era fórmula inadequada numa sociedade cada vez mais selvagem, competitiva e mordaz e, talvez por isso, torcesse – especialmente – para que um dia, as pessoas bondosas, acanhadas e complacentes pudessem, também elas, ter a oportunidade de corromper, vingar e agitar o paradigma atual, contra todas as probabilidades.

Foi por isso que, a certa altura, começou a desenvolver mecanismos e tratados de confiança interiores para se tornar mais sociável e elemento integrante de vários e distintos grupos, sem nunca perder a verdadeira identidade, algo que denotou ter dado frutos a partir do período universitário, onde tinha muitos amigos.

Contudo, a sua faceta mais pura, verdadeira, compassiva e vulnerável apenas a demonstrava, revelava e exponenciava, de forma natural, não forçada, explícita e evidente com quem se sentia mais confortável.

“— Custa-me fingir que gosto de alguém.” – costuma partilhar com Marco, seu amigo de longa data que vive em Bragança, perto da sua aldeia, e com o qual fala recorrentemente.

Júnior mora em Lisboa. Lisboa de fado e fé, de fauna e flora, de alegria e tristezas mil. Marco, desde tenra idade, era alguém ao qual já se augurava um futuro auspicioso. De rosto franzino e cabelo farto – porém bem delineado –, moreno e de porte atlético,

do alto do seu metro e noventa de altura, era o oposto do amigo: organizado, metódico e sereno, desde cedo evidenciara sinais de liderança e tomadas de decisão firmes.

Júnior, por seu lado, era um comunicador nato, estudioso superficial de diversos campos de interesse e que apenas aprofundava, de forma mais incisiva, temas que real e verdadeiramente o interessavam, tais como eram as áreas da Filosofia e Psicologia.

Marco, desde muito novo, ganhara olimpíadas de Matemática e lia livros de ciência e ficção científica. Não espantou, então, que fosse convidado para exercer medicina num Hospital inovador em termos tecnológicos e de elevada reputação – um dos melhores do mundo, edificado em Bragança, a nova “Cuba” da medicina, como comentavam orgulhosamente os transmontanos.

Numa das suas inúmeras conversas, Júnior confessara a Marco que andava com alguma indisposição estomacal de alguns dias a esta parte, ocorrência e sintomas que nunca havia constatado e tido anteriormente, pelo menos que se recordasse.

— Lá estás tu com as tuas manias e pressentimentos – expunha Marco – mas, se não te sentes a cem por cento, sugiro que realizes alguns exames. Falarei com uma Médica do qual sou amigo e que mora igualmente em Lisboa e, deste modo, poderás dissipar quaisquer suspeitas e receios que possas ter, de uma vez por todas.

Um novo dia amanhecia e Júnior acordava para ir trabalhar. Normalmente, levantava-se às seis horas e meia da manhã, sonolento e já pouco habituado aos horários do típico aldeão em que, permanentemente, se erguia às cinco para tratar do campo e gado.

A sua companheira, Vitória, ainda dormia. Acordava por volta das sete horas e geria uma loja de cosméticos. Dona de uma beleza natural, lábios carnudos e olhos avelã – comumente invoca-

dos como sendo castanhos esverdeados –, os seus cabelos ruivos faziam lembrar um campo de lavanda na Primavera: suaves, bem cheirosos e sedosos. Era ela que agora figurava na vida de Júnior e muito o havia ajudado ao longo destes quatro anos – tempo há que estavam juntos – e o tinha feito crescer como homem e dono de casa, tal como Vitória gostava de referir, de forma jocosa e provocadora, no alto da paz do seu sorriso perfeito e alinhado.

Ele sabia a sorte que tinha por tê-la a seu lado. Ela sabia que ele era um homem bom, excitante e vibrante e pelo qual estava completamente enamorada e viciada desde que se haviam conhecido.

Júnior deu-lhe os bons dias com um beijo na testa e, já atrasado para que a habitual azáfama da cidade o engolissem, deslocou-se à cozinha para aquecer um pouco de leite e colocar duas fatias de pão na torradeira, aproveitando este intervalo para abrir a janela por onde já se conseguia vislumbrar e sentir a algazarra das – e nas – ruas, com inúmeros autocarros no “para e arranca” e uma ou outra buzina impaciente de alguém que despertara indisposto.

— O dia ainda agora começou – afirmava Júnior, tentando compreender o porquê de as pessoas sabotarem desde logo o próprio dia, começando com uma atitude agressiva perante algo que ainda não tinha tido a oportunidade de lhes contar a narrativa vindoura.

Depois do pequeno-almoço, café e banho tomados, deslocou-se até ao quarto para vestir a camisa azul, as calças pretas ajustadas ao corpo e o seu par de botas *marrom* prediletas, finalizando a indumentária com um *blazer* apressadamente retirado do armário que dava o mote para o enfrentar de mais um dia, enquanto se encaminhava para a porta de entrada que era agora de saída.

Enquanto se locomovia para a agência imobiliária na qual trabalhava – e gostava de estar, porque, segundo o próprio, conhecia pessoas felizes, esperançosas e com sonhos, à procura de um

novo conforto e um cheiro a “lar” ao qual pudessem chamar de seu – a verdade é que vinha sentindo desconforto e dores de tal ordem, que nem mesmo o entusiasmo pelo começo de um novo dia conseguia disfarçar e/ou ser alheio a essa circunstância.

Recordou então as palavras proferidas pelo amigo e decidiu que lhe ligaria ao entardecer para que intercedesse junto da sua Médica amiga e de confiança, com vista à marcação de exames.

## CAPÍTULO II

# O Dia



O sol descia em direção ao horizonte e os pássaros esvoaçavam, entoando melodicamente o indeclinável término de mais um dia. Júnior apanhara o autocarro no Marquês de Pombal em direção ao Cais do Sodré e ia contemplando quem nele coabitava: rostos semicerrados, pescoços e costas curvadas, de *smartphone* em punho, comunicando com outro alguém ou apenas passando repentina e constantemente pelas notícias do globo. Outros ainda, ouviam música nos bancos de trás, desligados, ainda que por instantes, do mundo. Uma vida, tantos corpos. Alguns com muitos anticorpos. Como se não aceitassem que a vida é mágica. E trágica.

A observação fê-lo pensar:

“Sinto-me bem a vender casas. É da maneira que estou ocupado, mediando o início da vida de terceiros. Quem não gosta de experienciar esta sensação de pertença? O que não posso – nem devo – é entrar nesta espiral de tentar resolver tudo o que me rodeia!” – exclamava interiormente.

Já tinha ouvido falar de meditação, *reiki*, *yoga* e todas essas práticas que tais; mas no que acreditava devotamente, era na prática do bem e na bondade:

“Se meditamos para melhorar a nossa mente e caráter e sermos mais eficientes na nossa vida, estaremos sempre com os

olhos postos no futuro; desta forma, será que estaremos, de facto, a meditar? O futuro é apenas um conceito. Algo que não existe. Assim como não existe o amanhã, porque o tempo é sempre o agora. Existe apenas o presente, um eterno agora!”

Júnior era, sim, apologista de meditar sem motivo algum e apenas pela diversão e divertimento que isso lhe proporcionava. Assim vivia: alegre e com muito Amor para dar. Preferindo sentimentos a palavras, era a eles que declaradamente apelava de forma universal, até mesmo para fechar negócios, tentando que qualquer decisão fosse sempre efetuada em consciência.

Era Verão. O ar quente bafejava-lhe a cara, sentia o cheiro da maresia correndo pela cidade e via turistas perdidos com a sua câmara fotográfica e bermudas simples e gastas de outras caminhadas, de outras aventuras e de outros becos e ruelas previamente percorridos passeando pela capital.

Depois de um dia que lhe havia parecido infundável e custoso devido às perdurantes dores, chegara finalmente a casa, onde o prevaecimento das mesmas continuava a não dar tréguas.

Apesar de tudo, preferia não se queixar em demasia.

Assim que entrou, reparou que Vitória tivera o cuidado de, mais uma vez, deixar a mesma num perfeito estado de harmonia e limpeza e rejubilou-se por isso.

Ainda não lhe havia falado sobre as dores que o vinham atormentando. Não a queria preocupada ou aflita, até porque sabia como a mesma reagiria e porque podia “não ser nada”. Mesmo assim, tencionava partilhá-lo brevemente.

Aproveitando a solitude, decidiu ligar ao amigo:

—Olá Marco. Tudo bem?

—Tudo ótimo Júnio, e contigo? Acabei de te enviar o número da Rafaela, minha colega de Lisboa, há cerca de vinte minutos. Qualquer coisa que necessites, não hesites em contactar-nos.

— Ainda não vi as mensagens...já a informaste que farei os exames?

— Sim, não te preocupes; já está tudo tratado e apalavrado.

— Como é que a conheceste, se me permites a ousadia, meu pequeno *Don Juan*?

— Não comeces com essas coisas, Júnio...sempre foste muito casamenteiro.

— Marco, tu sabes a minha opinião: és um ótimo rapaz, inteligente, culto, seletivo, alto e bem-apresentado, mas todos nós precisamos de companhia e Amor nas nossas vidas! Posto isto, porque não ela? Alguém que já conheces e com quem continuas a manter contacto; tanto assim é, que se dispõe a ajudar amigos teus que desconhece... terei, algum dia, oportunidade de a conhecer?

— Quem sabe Júnio, quem sabe...

— Estou-me a meter contigo. Correu tudo bem, hoje?

— Sim, ritmo normal, algum trabalho, mas é a nossa profissão...quem corre por gosto, cansa-se menos.

— Ainda bem. Pareceu-me ter ouvido a Vitória a entrar em casa... então está combinado: amanhã passarei no Hospital. Obrigado, mais uma vez, companheiro. Até logo.

— Até logo. Cumprimentos à Vitória.

A amada abriu a porta e fechou-a de seguida, entrando na habitação. Estava vestida de preto, elegante e imponente. Encaminhou-se para o quarto, retirou as roupas que usara no local de trabalho e estendeu-se na cama dentro de um pijama refrescante. As suas expressões faciais indiciavam que este teria sido um dia intenso no que concernia ao atendimento e trato de clientes com os mais variados estados de espírito.

— Estavas a falar com quem, Amor?

— Com o Marco. Pareceu-me pouco falador...

— Tu também passas a vida a provocá-lo, Júnio.